

NOSSO NORTE É O SUL:
ASSOCIAÇÕES LATINOAMERICANAS
DE HISTORIADORES NAS REDES
SOCIAIS

*Nuestro Norte Es El Sur: Asociaciones
Latinoamericanas De Historiadores En Las
Redes Sociales*

Raquel Silveira Martins de Melo

NOSSO NORTE É O SUL: ASSOCIAÇÕES LATINO-AMERICANAS DE
HISTORIADORES NAS REDES SOCIAIS

NUESTRO NORTE ES EL SUR: ASOCIACIONES LATINOAMERICANAS DE
HISTORIADORES EN LAS REDES SOCIALES

Raquel Silveira Martins de Melo¹

RESUMO

Em entrevista em 2004, Andreas Huyssen defende que a ascensão de uma “cultura de memória” na década de 1980 está atrelada a uma multiplicidade de fatores. A narrativa midiática esmaece a distinção entre passado e futuro, reforçando a ideia de presente, fortalecendo uma certa nostalgia de um passado idealizado. Assim, “a função social do historiador exige que nos voltemos para uma variedade de espaços públicos nos quais a memória histórica tem desempenhado papel importante.” As associações de historiadores na esteira dessas mudanças, propõem, constroem e permeiam diversos formatos/espacos para a divulgação do conhecimento histórico. Compartilhando não apenas pesquisas acadêmicas, mas (re)dimensionando narrativas, questões e fatos históricos em novas roupagens que são traduzidas aos novíssimos ambientes digitais. Nesse contexto, a proposta texto é apresentar as análises feitas sobre as redes sociais de algumas associações latino-americanas de História. Objetiva-se compreender de forma preliminar quais redes sociais são utilizadas e como, dimensionando assim possíveis hipóteses e relações dessas nos diversos países latino-americanos com os usos da História nesses ambientes e a construção de uma imagem do investigador em História nas redes sociais.

Palavras-chave: Redes sociais; Divulgação Histórica, Associações de Historiadores.

ABSTRACT

En una entrevista de 2004, Andreas Huyssen argumenta que el surgimiento de una “cultura de la memoria” en la década de 1980 está vinculado a una multiplicidad de factores. La narrativa mediática desdibuja la distinción entre pasado y futuro, reforzando la idea del presente, afianzando cierta nostalgia por un pasado idealizado. Así, “la función social del historiador requiere que nos dirijamos a una variedad de espacios públicos en los que la memoria histórica ha jugado un papel importante”. Las asociaciones de historiadores a raíz de estos cambios proponen, construyen y permean diferentes formatos/espacios para la difusión del conocimiento histórico. Compartir no solo

¹ Bacharela e Licenciada em História, Mestra em Educação e Doutoranda em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, Minas Gerais, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Francisco Cambraia Campos, 637, Centro, Oliveira/MG, Brasil. CEP: 35540-000. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5250-7645> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8288510398299242>. E-mail: raquel.silveira@aluno,ufop.edu.br.

investigaciones académicas, sino (re)dimensionar narrativas, preguntas y hechos históricos en nuevas formas que se traducen a los nuevos entornos digitales.

En este contexto, la propuesta del texto es presentar los análisis realizados en las redes sociales de algunas asociaciones latinoamericanas de Historia. El objetivo es comprender de manera preliminar qué redes sociales se utilizan y cómo, dimensionando así posibles hipótesis y relaciones de estas en diferentes países latinoamericanos con los usos de la Historia en estos entornos y la construcción de una imagen del investigador en Historia en redes sociales.

Keywords: Redes sociales; Divulgación Histórica, Asociaciones de Historiadores.

INTRODUÇÃO

A velocidade com que as descobertas científicas, as inovações tecnológicas e a busca de ganhos nos fins do século XX e início do século XXI se processam acabam por tornar as coisas e os homens cada vez mais obsoletos. Para François Hartog (1996), as exigências sempre maiores da sociedade de consumo fizeram invadir uma perspectiva de presente cada vez mais hipertrofiado. A mídia, que acompanha a velocidade das inovações, produz, consome e recicla cada vez mais rapidamente palavras e imagens.

O presentismo da narrativa midiática, tão marcante na conformação de uma consciência histórica na contemporaneidade, reforça o modo como os homens percebem-se no mundo e capacitam-se para dar significado histórico ao tempo. “Esse processo de valorização social da memória empurra o profissional da história para o espaço público, dando uma dimensão pública à ciência histórica e colocando o historiador diante da necessidade de discutir os usos políticos do passado.” (WANDERLEY, 2016, p.213) Nesse sentido, a reflexão de Le Goff em entrevista a Fernando Maiello na década de 1980 é bem precisa: “o triunfo da história é inegável; é uma realidade para a qual os próprios interessados não estavam preparados.” (LE GOFF, 2009, p. 8) No entanto, adverte que, apesar de ser a história exitosa, não o é o historiador.

Importa ponderar que num regime presentista, pensando dentro da perspectiva de Hartog, que toma a mídia como um valor em si mesma, naturaliza o capitalismo e seus efeitos sociais e dilui as ambiguidades políticas, múltiplos sujeitos produzem narrativas históricas que passam a ser consideradas legítimas por (e com) circulação cada vez mais intensa por públicos cada vez maiores e diversos. Emerge-se a questão sobre o(s) lugar(es) produtor(es) de conhecimento histórico na contemporaneidade. “Longe de ficar centrada nas produções acadêmicas e mesmo no ensino escolar de história, a função social do historiador exige que nos voltemos para uma variedade de espaços públicos nos quais a memória histórica tem desempenhado papel importante.” (WANDERLEY, 2016, p. 208).

Esse movimento de reflexão e crítica sobre os sentidos da História no mundo contemporâneo vem sendo agrupados dentro da chamada história pública. “A questão central que movimenta o debate é complexa, embora sua enunciação não seja tão difícil de fazer: quem, para quem, com quem e com que fins se produzem as (múltiplas) narrativas históricas hoje?” (HERMETO, 2018, p. 8).

Ricardo Santhiago (2016) destaca que essas iniciativas no Brasil não são realmente contemporâneas ou até novas, mas sim respostas às demandas sociais por história e memória. No Brasil, a expressão história pública é bem diversa principalmente em comparação ao que se entende por tal nos EUA, “aqui, a história pública canaliza e amplifica debates sobre a relevância e o papel social da história, do historiador, do ensino e das instituições de história, memória e patrimônio. (...) Quando orientada à regeneração de um diálogo cultural amplo, que assume o público como o espaço comum no qual interpretações da história são circuladas e negociadas, a história pública se realiza como um gesto repetido de não pactuação.” (SANTHIAGO, 2019, p. 154).

Observa-se um alargamento da noção e reconhecimento dos lugares/espços produtores, divulgadores e de circulação do conhecimento histórico: academia, escola, museu, teatro, propaganda e as mídias, das mais clássicas – como o jornal, rádio e TV – às novíssimas relacionadas à informática e à *web*. No mesmo sentido – e velocidade –, acontece a construção e disseminação

de inúmeras narrativas sobre determinado passado, resultando em distorções históricas e falseamentos.

A história (como saber) é parte central dos embates políticos desde sua origem, pois ela faz parte da constituição política das nossas sociedades, ao fornecer representações formadoras de imaginários coletivos que instituem e dão legitimidade à comunidade política. Ela é fundamental para estruturar as identidades políticas de diferentes grupos sociais, sejam nações, classes, grupos religiosos, ou movimentos sociais, e ao mesmo tempo pode oferecer inspiração para as escolhas políticas de tais grupos. Aí estão as razões porque a história ocupa lugar central nas batalhas políticas presentes, sendo objeto de tantas disputas e manipulações de parte de quem pretende justificar seus projetos de poder. Por isso os historiadores são constantemente chamados para o debate público. (MOTA, 2020, p. 2).

A fala do professor Rodrigo Patto é representativa da importância da História nos debates públicos, sendo lugar de disputa e de batalhas políticas. Num momento em que as forças políticas conservadoras no país tentam manipular a memória e a escrita da História, construindo e disseminando falseamentos, sua fala ainda justifica porque os historiadores são chamados ao debate e também ao combate nessas batalhas.

É preciso no entanto, ressaltar que os historiadores ocupam esse debate em maior ou menor medida desde praticamente sempre, o que nos sinaliza a atualidade é que a produção do ofício do historiador tem se modificado especialmente nos novíssimos meios de comunicação, haja vista aqui as diversas iniciativas de divulgação científica capitaneadas por historiadores em canais no *YouTube*, serviços de streaming de áudios – como podcasts – e a profusão de diferentes perfis no *Facebook* e *Instagram*.

Embora não limitados a uma possível nova geração, a produção para a divulgação científica junto, pelo e para o público é arregimentada em espaços considerados até então lugar comum e zona de conforto para os historiadores, tais como grupos de pesquisa e associações de historiadores.

São essas últimas o foco de análise desse artigo. Num tempo de profusão de narrativas e novas demandas por conteúdo e engajamento, a questão que remete esse trabalho é considerar como

as associações defendem e apresentam aos seus seguidores o ofício do historiador ao mesmo tempo defendendo-o como o profissional adequado para organizar na esfera pública o conhecimento histórico nas redes sociais.

Trata-se aqui de compreender de que forma os produtos digitais espalhados pelas redes sociais combatem pela História e pelo historiador. Há ainda preciso dimensionar que as demandas que partem da sociedade localizam-se no tempo e espaço, nesse sentido essa pesquisa buscou estabelecer conexões entre diferentes associações de historiadores latino-americanas. Parte-se desse contorno por compreender que há uma discussão intrínseca no que tange aos aspectos do sul do continente em um movimento de reafirmação das identidades nacionais e dos laços que unem a história sul-americana, de tal modo que a forma como os historiadores se apresentam nas redes, é também um movimento de resistência e decolonialidade.

Dessa forma, esse artigo faz um balanço da atuação de algumas associações latino-americanas, seus engajamentos ou não nas redes, e principalmente uma breve análise de alguns dos produtos digitais construídos com a foco essencial na perspectiva do ofício do historiador. Para tanto, o presente artigo está dividido nas seguintes seções: essa pequena introdução, uma segunda parte denominada “entre métodos, reflexões e imagens” em que além das considerações metodológicas são apresentadas análises sobre algumas imagens e quadros e por fim “reflexões finais”.

ENTRE MÉTODOS, REFLEXÕES E IMAGENS

Considerando as discussões a serem empreendidas aqui, importa destacar que nortearam essa pesquisa a intenção de encontrar associações de historiadores em caráter minimamente nacional que utilizassem as redes sociais. Objetivava-se compreender de forma preliminar quais redes sociais são utilizadas e como, dimensionando assim possíveis hipóteses e relações dessas nos diversos países latino-americanos.

A primeira observação a ser apontada é que pelos maiores países latino-americanos com exceção do Brasil, há um grande número de academias de história. Essas estão voltadas a um molde limitado de “sociedades”², ou seja, com número de membros selecionados e restrito com cerimônias de “incorporações”, mas que defendem dentro das tarefas de seus membros métodos de investigação historiográficas, além de fomentar iniciativas de divulgação de pesquisas – como revistas científicas, por exemplo – entre os pares. Observou-se aqui iniciativas de uso das redes sociais, no entanto, como mais uma forma de aproximar os pares sem intenção de ampliação seja da História ou de seu ofício.

Embora não seja objetivo desse texto é pertinente abrir um pequeno parágrafo para a discussão de fundo que se coloca na formação da historiografia na América Latina tendo em vista essas sociedades e academias. Em estudo amplo em 2009, Jurandir Malerba procura apresentar as posturas historiográficas na região a partir especialmente de 1960, para justificar a escolha do marco, o autor apresenta que os estudos históricos:

Antes de 1960 – e mesmo depois disso, como mostram esparsos estudos historiográficos –, prevalecia em termos quantitativos um tipo de história que se poderia chamar de “tradicional”, ou seja, não profissional, produzida por intelectuais autodidatas com as mais diversas formações, mas também vinculados a instituições de ensino ou agremiações tradicionais, como sociedades e institutos históricos. (MALERBA, 2009, p. 17)

Ao tratar da historiografia antes de 1960, o autor assinala que se destacavam intelectuais que não tinham formação em História, sendo essa posterior nos diversos países da América Latina ocorrendo tanto em épocas diferentes quanto em enfoques. Discutindo esse primeiro momento da historiografia latino-americana, em trabalho que foca especificamente sobre a noção de identidade nacional nos escritos historiográficos, Wasserman (2011) marca a segunda metade do século XIX como o momento em que surgem os primeiros:

² O que aqui no Brasil se assemelharia às academias de Letras em suas diversas abrangências – sejam municipais, estaduais ou a brasileira.

“historiadores”, intelectuais ligados a academias de história ou centros e institutos de pesquisa histórica. Embora sem profissionalização, estes sujeitos tiveram uma preocupação com a investigação histórica e suas obras transformaram-se em um legado de valor documental para futuros historiadores de ofício. (WASSERMAN, 2011, p. 96).

Compreende-se assim que as academias de história no contexto latino-americano estava ligada a construção da pesquisa histórica e são parte importante na história do ofício na América Latina, no entanto, o cenário se modifica após a formação histórica profissional na região. Malerba assinala, comparando perspectivas mexicanas e brasileiras, que o processo de profissionalização iniciado por volta da segunda metade da década de 1960 modifica as concepções teóricas, bem como os objetos e os lugares ocupados pelos historiadores.

Tomando por base o cenário brasileiro, Roiz (2020) assinala que até 1930 o ofício do historiador era praticado apenas por “autodidatas” sem formação específica na área. Quando do surgimento dos primeiros cursos de formação na década de 1930, as primeiras gerações de profissionais foram formadas pela geração precedente de “autodidatas” e por profissionais franceses. É a partir de 1970 com a formação de cursos *stricto sensu* que o ofício passa a ser formado realmente o historiador profissional no país.

O autor ressalta que as associações e clubes de antes desse período não eram um lugar de formação, “pois eram muito mais espaços de agregação, debates e apresentação de estudos e levantamento de fontes, do que de formação de ofícios e de profissionais.” (ROIZ, 2020, p. 24) Dessa forma, compreende-se que intrinsecamente às análises sobre as associações de historiadores que existem hoje há uma discussão ainda emergente e urgente sobre a profissionalização do ofício do historiador no cenário latino-americano.

Assim, se por um lado há diversas “Academias de La Historia” que se aproximam da Real Academia de España por outro há várias associações profissionais de historiadores, e as análises aqui buscaram mapear essas redes. As iniciativas encontradas são das mais variadas e espelham a

diversidade latino-americana, bem como o processo de profissionalização em cada um dos espaços nacionais.

Outra questão é justamente a escolha do termo “associação”. Mesmo que no Brasil há uma compreensão preliminar do que venha a ser uma associação de historiadores, tendo em vista a atuação e abrangência da Associação Nacional de História (Anpuh), em uma perspectiva macro essa palavra não conseguiria abarcar a diversidade das iniciativas. Salienta-se por exemplo a análise do *Comité Mexicano de Ciencias Historicas* que são algumas instituições de ensino associadas para a divulgação histórica e outros casos que serão destacados à frente.

Dessa forma, a primeira questão a se pensar aqui é que as iniciativas analisadas estão mais próximas de uma concepção de rede/teia do que de associação, pois embora muitas possuam estatutos, regimentos e eleições para cargos de gestão, outras são realmente uma rede que mais que divulgar a História, buscam guardar e valorizar os investigadores em História e seus estudos. Há dessa forma intrinsecamente uma tentativa de discutir e defender a História, o ofício do historiador - ou o *investigador en Historia* -, bem como de expandir essa discussão para um público que cresce tanto em interesse quanto em possíveis associados.

Para encontrar as associações foram feitos a princípio pedidos de indicação através de emails para professores em alguns países do Cone Sul, em especial, Argentina e Chile. A indicação desses permitiu que outras associações “parceiras” fossem encontradas. Foram feitas a partir daí buscas com diversas palavras-chave através do Google, no entanto, a finalização de um quadro de associações na América Latina foi bem impulsionada pelos algoritmos que permitiram que as redes sociais fossem sendo sugeridas através do perfil da pesquisadora.

Importa salientar que várias redes sugeridas e/ou encontradas não atingiam as limitações que foram feitas para esse estudo, quais sejam: associações que tenham um caráter nacional e amplo, assim não limitassem tanto o número de membros/associados quanto ao tema de pesquisa desses. Chegou-se assim a um número final de 10 redes que reúnem historiadores e buscam a divulgação e

debate historiográficos. Tentou-se encontrar redes de historiadores nos maiores países da América Latina, no entanto, ou elas não existem ou não foi possível encontrá-las. Assim, as redes analisadas estão citadas abaixo:

Quadro I: Associações de Historiadores Analisadas

| Nome da rede | País-sede | Data de fundação |
|--|--|------------------|
| <i>Asociación Argentina de investigadores en Historia</i> | Argentina | 2011 |
| <i>Asociación Historiadores Profissionais Bolívia</i> | Bolívia | s/d |
| Associação Nacional de História | Brasil | 1961 |
| <i>Asociación Chilena de Historiadores</i> | Chile | 2016 |
| <i>Asociación Chilena de Historia Economica</i> | Chile | 2008 |
| <i>Asociación colombiana de historiadores</i> | Colômbia | 1987 |
| <i>Comite Mexicano de Ciencias Hlstoricas</i> | México | s/d |
| <i>Comité Paraguayo de Ciencias Históricas</i> | Paraguai | 2015 |
| <i>Asociación de Historiadores Latinoamericanos y del Caribe</i> | Reúne historiadores de vários países, mas o endereço está na Argentina | 1974 |
| <i>Asociación Uruguaya de Historiadores</i> | Uruguai | 2014 |

Fonte: De autoria própria.

Durante o segundo semestre de 2021, o site oficial e as redes sociais dessas associações foram esmiuçados. Os dados foram arrolados em uma planilha que definia entre outras coisas alguns dados oficiais – como os nomes da diretoria, o site oficial... -, a presença de perfis/canais oficiais nas redes e o uso delas. As análises e pontos elencados foram salvos em prints e colocados em uma pasta virtual³. A proposta era elencar dados gerais e apresentar alguns pontos comuns entre essas redes.

³ O leitor pode acessar esse banco de dados através dos seguintes links. Pasta com prints: <https://drive.google.com/drive/folders/1Ag5wlQ0ARiHVNlBskbexzDDnUo6HxbKC?usp=sharing> Planilha: <https://drive.google.com/drive/folders/1Ag5wlQ0ARiHVNlBskbexzDDnUo6HxbKC?usp=sharing>.

Como já apresentado, há uma diversidade grande na forma em que elas se apresentam, mas alguns pontos de convergência que merecem ser apresentados.

Tomando por base as discussões de Malerba (2009) e Wasserman (2011), o processo de constituição dessas redes de historiadores está marcada posteriormente à década de 1960 quando é possível demarcar um processo contínuo de profissionalização da profissão de historiador, sendo a Anpuh a associação mais antiga das investigadas. Pode-se apontar a *Ascol* (Colômbia) outro caso destoante por ter sua fundação marcada no final da década de 1980.

Segundo Malerba (2009) a historiografia constituída na América Latina sofre a influência de dois marcos temporais principalmente: os eventos de 1968 e a queda do Muro de Berlim em 1989, levando junto algumas certezas quanto ao marxismo como elemento teórico. Mais que esses eventos de impacto mundial em esferas social, econômica e intelectual – para citar apenas alguns – a formação dessas associações também está inserida num contexto de eclosão de ditaduras militares dentro do continente, ou ainda próximas à um processo de redemocratização.

As outras redes de historiadores pesquisadas foram formadas em meados dos anos 2010, quando o *Facebook* já tinha mais de 450 milhões de usuários. Jean Burgess e Joshua Green (2009) relembram em 2006 o site *YouTube* chega ao ápice ao ser comprado por mais de 1 bilhão de dólares, sendo que em 2008 já figurava entre os maiores sites de entretenimento do mundo. O *Twitter* por sua vez nasce em 2006. Já o *Instagram* é o mais jovem dessas redes, nasceu em 2010, cujo objetivo inicial era permitir ao usuário uma forma de apresentar sua localização, viagens, programas de final de semana, “porém, o desenvolvimento do aplicativo mostrou-se muito complexo, motivando Kevin [System] e Mike [Krieger] a escolher uma das funções que consideravam mais atrativas: a fotografia.” (PIZA, 2012, p. 7).

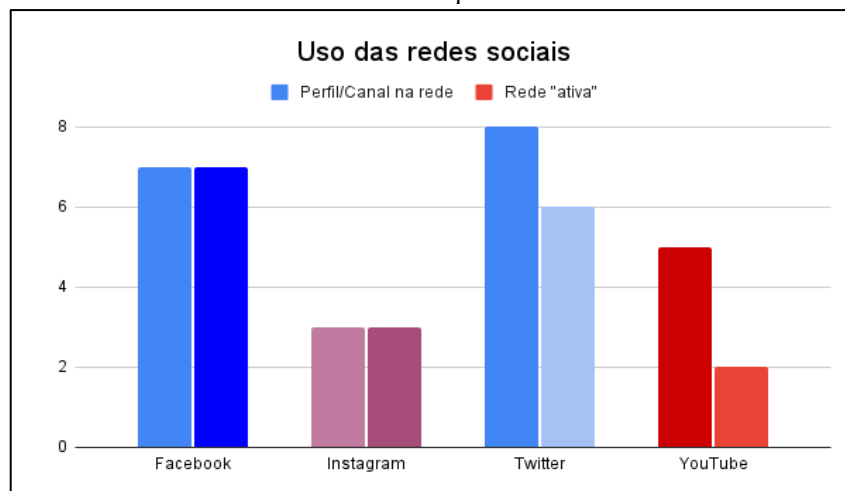
A maioria das redes de historiadores analisadas aqui são bastante jovens e foram forjadas em um cenário em que as redes sociais já estavam consolidadas como novíssimas formas de comunicação, relacionamento e entretenimento. Pereira (2022) assinala que “a internet e as

tecnologias digitais criam e recriam outras (novas e velhas) formas de sociabilidade, ação, identidade e ativismo político. São linhas que criam elos e nós abertos, mutáveis e múltiplos de acordo com posições, disputas e emergências.” (PEREIRA, 2022, p. 50-51).

Nesse contexto em que a internet se apresenta como espaço-tempo de encontro e discussões, a criação e crescimento das redes de historiadores estariam completamente ligadas à aproximação de um público que está nas redes sociais. Assim, percebe-se que ao mesmo tempo em que são forjadas, elas também se apresentam nos espaços digitais, pois a data em que são criadas as páginas e perfis nas redes sociais estão bastante próximas à data de fundação, dessa forma, pode-se considerar o uso das redes sociais como um elemento aglutinador e disseminador.

Compreende-se ainda que apesar das semelhanças que lhes aproximam que aglutinam e transformaram o cotidiano das relações sociais – bem como capitalistas – cada uma dessas redes sociais tem os seus meandros, funcionalidades e objetivos, permitindo aos usuários diferentes usos e potencialidades. Nesses meandros, o uso das redes é transformado pelos usuários, bem como limitado também. Ao analisar os perfis/páginas criados percebe-se que há muitos que foram “abandonados” ou são pouco movimentados.

Gráfico I: Número de perfis nas redes sociais



Fonte: Autoria própria.

No gráfico cima estão organizados os dados sobre a existência de perfis e/ou páginas oficiais das diversas redes de historiadores investigadas e suas utilizações no segundo semestre de 2021. Algumas observações sobre esses dados são pertinentes. A primeira delas é que foram buscados perfis apenas no *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *YouTube* por considerar que essas são as mais usadas e que gerenciar diversos perfis não é fácil para redes de historiadores que em geral não tem apoio financeiro. Considerou-se de imediato as limitações de um trabalho que é feito de forma autônoma e voluntária. Observa-se ainda que embora haja muitos perfis e canais oficiais no *Twitter* e no *YouTube*, eles não são ativos. Como hipótese pelo “abandono” emergiram dois pontos.

Primeiro, o *Twitter* requer a elaboração de conteúdo de forma constante, o que também vem a ser uma limitação pelo tempo e pessoal qualificado em um trabalho que é voluntário. Além disso, é possível considerar que o limite de caracteres (280 caracteres) e a própria forma da rede que delimita a disseminação de imagens, debates, longos documentos nem a interação a partir de comentários. Assim, mais do que demonstrar a popularidade de outra rede digital, esses “abandonos” podem indicar um dos usos que as redes de historiadores se propõem, qual seja, o debate e incentivo à discussão.

Por sua vez, o *YouTube* requer conhecimentos técnicos maiores, disponibilidade de tempo para edição e roteiro de vídeos e, alguns dos canais “abandonados” foram forjados durante a pandemia nitidamente apenas como transmissores de eventos. Observa-se que não há um planejamento para o uso desses canais, o que não acontece nas outras redes sociais ou em relação ao uso desses pelas redes de historiadores que os mantêm mesmo pequenos.

Assim, há uma indicação de que as redes sociais são usadas não apenas como uma forma de disseminação ou apenas divulgação, mas também como espaço de debates e de interlocuções. Isso se manifesta especialmente quando se observa que a rede mais usada é, sem dúvida, o *Facebook*. Todos os perfis criados estão ativos.

A despeito da noção de que é a rede com maior número de usuários no contexto mundial, é também aquela que mais favorece a expansão das redes de historiadores num movimento de disseminação das iniciativas e dos debates empreendidos, pois há no *Facebook* um número grande de possibilidades de interação, não é apenas uma rede aglutinadora de imagens e vídeos - como o *Instagram* e *YouTube* -, permite marcar outros usuários em ferramentas do tipo “responder” ao comentário, além da não-limitação de longos textos e outras ferramentas como *Lives*, sem contar que é uma das redes mais antigas com maior número de usuários e conta com grande popularidade na América Latina. Ou seja, o *Facebook* tem uma infinidade de usos, sendo que o debate e o compartilhamento de links os principais.

Ao discutir sobre o potencial de interação política, Ronaldo Araújo, Crispulo Travieso-Rodriguez e Sarah Santos (2017) assinalam a importância do *Facebook* como expressão política, além de sua relevância enquanto espaço de conversação e interação civil. Os autores destacam ainda que apesar da importância de pesquisas que discutem métricas das redes elas não são suficientes para compreender a forma de interação dos usuários, o que torna importante a análise dos comentários feitos nessas páginas.

Figura I: Comentários página do *Facebook* da *Audhi*



Fonte: Autoria própria

Aqui cabe apresentar uma situação bem interessante, o perfil da *Asociación Uruguaya de Historiadores*, muito ativo nas redes, interage respondendo a praticamente todas as questões colocadas. Percebe-se um cuidado em não apenas responder ao seguidor, mas que seja de modo que a interação seja individualizada e incentivada. Como exemplo observa-se aqui (v. Figura 1) uma resposta a um questionamento sobre um evento divulgado. O usuário não faz uma pergunta elaborada apenas se dirige ao interlocutor sem maiores rodeios – não há saudação, nem despedida –, uma simples questão direta, o que gera no entanto, uma resposta complexa e posterior réplica. Se é intencional, não é possível definir, mas gera engajamento.

Importa considerar ainda as diversas condições econômicas dos países da América do Sul, uma vez que, apesar da popularidade das redes sociais, o acesso à internet não está igualmente distribuído entre a população, menos ainda entre os países da região. Especialmente os perfis ativos estão distribuídos da seguinte forma:

Figura 2: Mapa dos perfis ativos



Fonte: Autoria própria.

Aqui cabem dois pontos a se considerar. A princípio, vale ressaltar que o uso das redes está bem concentrado na América do Sul, pensando na América Latina. Observa-se especialmente a

importância da Anpuh e de sua presença nas redes nesse cenário, pois é a rede de historiadores com maior número de perfis ativos. Diversos fatores provavelmente contribuem para tanto, mas o principal com certeza é o acesso à internet.

Segundo dados do Banco Mundial⁴ na América Latina apenas cerca de 46% da população, em média, tem acesso à internet fixa. Há grandes discrepâncias, como exemplo na Argentina 63% da população tem acesso a esse tipo de serviço, já no Haiti não se atinge 10%. Esses dados se modificam considerando o acesso à internet móvel. No Brasil por exemplo, 49% tem acesso à internet fixa, sendo que 71% tem acesso à internet móvel, no entanto há enormes diferenças no que tange ao acesso na área urbana e rural.

Esses dados apenas corroboram para a compreensão da diversidade que há na região, no entanto, se considerarmos acesso à internet e o número de perfis ativos no mapa apresentado uma exceção salta aos olhos: *Comité Paraguayo de Ciencias Históricas*. No Paraguai, 19% da população tem acesso à internet fixa, no entanto essa rede de historiadores possui perfis ativos em três redes sociais – *Facebook, Instagram e Twitter*.

Esse grupo de historiadores – não agrupados em um formato “tradicional” de associação – se reuniram há poucos anos, em 2015. Em seu site oficial⁵, bastante associativo às redes sociais, o *Comité* coloca como objetivos de sua formação além da difusão e apoio a iniciativas investigativas em História, o reconhecimento pelas autoridades do trabalho do investigador em História. Mais uma vez, retoma-se aqui algumas reflexões já tocadas, há de fundo uma necessidade de pensar, defender e difundir a profissionalização em História

Roiz (2020) salienta em estudo que o ofício do historiador vem sendo pensado no Brasil desde o século XIX, tomando a cada época novos vieses. O processo de formação do profissional historiador estaria ligado especificamente aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, “e ao redor dos

⁴ <https://www.worldbank.org/pt/news/opinion/2021/08/12/deficiencias-no-acesso-digital-dificultam-os-avancos-na-america-latina-e-caribe>. Acesso em 11/07/2022.

⁵ <https://www.cpch.org.py/el-comite> Acesso em 11/07/2022.

quais se entenderia que, de fato, passava a ser formado o historiador profissional no país.” (ROIZ, 2020, p. 24).

A atualidade com a emergência de diversos discursos que questionam a ciência em seus múltiplos meandros – incluindo aí as humanidades – pulverizadas pela internet e as redes sociais, trouxeram novos questionamentos ao ofício.

Trata-se de um contexto desafiador, agravado pela situação descrita acima, que exige a reinvenção de historiadoras e historiadores, a batalha por novos espaços de atuação e, ao cabo, a elaboração de uma nova justificativa para o conhecimento histórico, assim como para o ensino superior, no país. (SILVEIRA, 2020, p. 4).

Apesar de tratar especificamente do caso brasileiro, Pedro Silveira (2020) alerta ainda para a escolha da história pública como um espaço de reafirmação da importância do conhecimento histórico. Compreende-se que essa questão também perpassa os outros Estados latinos quando o tema principal do congresso de historiadores uruguaio em 2021 é *“La historia en tempos de crisis: viejos y nuevos desafíos del oficio”*. As iniciativas aqui analisadas aparecem dentro desse escopo, percebe-se assim o agrupamento de sujeitos e profissionais como forma de defender a história e o ofício do historiador.

Sobre essa questão vale a pena esmiuçar uma publicação postada nos vários perfis do *Comité Paraguayo de Ciencias Históricas*. No dia 11 de fevereiro de 2021, quando se celebra as mulheres na ciência, essa rede fez uma publicação usando fotos das cientistas que a compõe. As fotos, no entanto, eram dessas cientistas quando crianças e o texto que acompanhava a publicação no *Instagram* e no *Facebook* era uma carta direcionada às meninas paraguaias.

Em texto bastante emotivo como pode ser percebido [v. Figura 3] no final da mensagem, as cientistas dessa rede além de convidar as meninas a se dedicarem à História, constroem toda uma argumentação quanto ao trabalho do que em muitos países latinos é chamado de *investigador en Historia*. Inclui-se aqui todos os campos do ofício da História e que são nessa publicação colocados como um gosto vindo desde a infância.

Figura 3: Post no *Instagram* em 11/02/2021



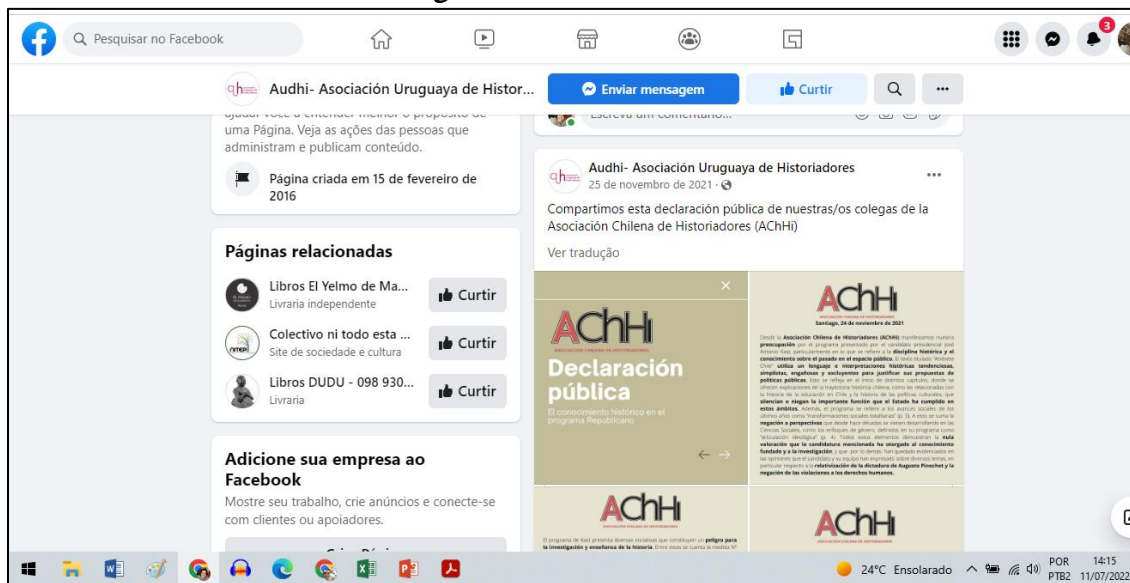
Fonte: Autoria própria.

O post de forma despretensiosa acaba defendendo a profissionalização das ciências históricas ao realçar para as meninas paraguaias a importância do estudar e investigar dentro de parâmetros e lugares que são específicos à prática historiográfica. Há intrínseca ainda na mensagem a defesa da atitude científica diante do mundo, os diversos espaços por onde a investigação histórica perpassam e ainda o processo de escrever aos pares as investigações, portanto, para ocupar a posição de *investigador em história* é necessário “que estudar, que descobrir y sobre el cual, escribir” como finaliza a mensagem.

A importância e força da união de cientistas aparece na saudação final da carta - como pode ser visto na imagem, no *Facebook* é assinado pelas cientistas em primeira pessoa⁶ - uma vez que além de incentivar as meninas a seguirem a ciência histórica, também se colocam como “mentores” a esperá-las num futuro em que essas meninas também possam ser cientistas, há assim a ideia de um processo de formação que não começa nas pesquisas que virão, mas nas mulheres científicas que ocupam esse lugar no presente.

A inter-relação entre as diversas redes de historiadores mostrando novamente uma proposta de união aparece também nas publicações nos perfis e páginas analisadas que se dedicam a promover eventos dos mais variados, alguns relacionam-se à própria rede, outros no entanto, são de seus membros - como lançamentos de livros. Percebe-se ainda que as redes, como poder ser visto na Figura 4, valorizam-se mutuamente fazendo conexões, republicações e exaltando assim um conhecimento produzido ao sul.

Figura 4: Post da *Audhi*



Fonte: Autoria própria.

⁶ <https://www.facebook.com/HistoriaParaguaya>.

Nesse sentido, vale a pena lembrar o verbo “sulear” que foi utilizado por Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança*. Esse termo, mais do que em oposição ao verbo “nortear”, abarcaria ações que enfrentam na “integralidade as questões presentes na colonialidade do saber e do poder que tem a ver com um outro projeto de vida envolvendo cultura, a economia, a política, a ciência e outras dimensões.” (ADAMS, 2008, p. 397)

As publicações e eventos publicizados nas redes sociais tem um cunho de valorização da História nacional ou Latino-americana e suas inter-relações. Há, no entanto, alguns casos específicos nesse uso, que por outro lado apresentam uma tendência. A *Asaih* (Argentina) possui um projeto denominado “Efemerides”, como o próprio nome sugere essa rede faz publicações discutindo, construindo/propondo material para a compreensão de determinado assunto da história da América Latina, ou que façam conexão direta com a História Argentina, tendo inclusive um curso de história nacional. Além das publicações nas redes da associação, no site da mesma é possível encontrar material didático e de pesquisa da temática.

Em obra já citada aqui, Malerba (2009) apresenta as bases que forjaram a historiografia latino-americana. Além da aproximação com a intelectualidade dos países centrais, o autor defende a noção de que os temas, objetos e técnicas estrangeiros eram tomados como ponto de partida para a análise da região de forma que os interesses estrangeiros e as questões próprias de outros locais estivessem intrínsecos aos estudos sobre a região.

Ainda nesse sentido, mais do que valorizar os aspectos da história nacional e latino-americana há uma preocupação pela valorização do que é nacional. Assim, como aponta Freire essas associações tomam o Sul como um espaço de emancipação social, num movimento que parte das questões do passado para a identificação entre esses historiadores e o conhecimento por eles produzidos.

A universalização do conhecimento é fato inegável do nosso tempo, e métodos e técnicas trafegam pelo mundo afora. A questão é anterior e posterior ao método: refere-se, antes dele, à definição das problemáticas (em uma palavra, à definição da agenda); e, depois, à formulação de teorias que possibilitem a adequada interpretação dos resultados de pesquisa. (MALERBA, 2009, p. 36-37).

Se essa postura poderia ser considerada lugar comum durante os anos da Guerra Fria, a queda do muro de Berlim modifica as certezas e faz nascer uma nova historiografia. Assim, surgem estudos nas décadas de 1980 e 1990 discutindo especialmente a história social do trabalho. Os historiadores vão além dos problemas sobre os trabalhadores organizados e suas instituições formais e passam a examinar questões de gênero, o desenvolvimento da cultura popular, a formação de identidades e a vida cotidiana.

Por outro lado, surgem estudos que discutem os novos movimentos sociais, na esperança de que esses pudessem representar uma mudança na estrutura histórico-social dependente na América Latina. As desilusões quanto a esses fenômenos marcam a produção acadêmica que tem adotado uma postura cautelosa frente à consolidação de democracias tecnocráticas e de novas formas de acumulação. Desse modo, “o foco de interesse dos pesquisadores tem recaído sobre questões como identidade e cultura.” (MALERBA, 2009, p. 88)

Esse direcionamento das pesquisas históricas reflete também nas postagens e apresentações nas redes sociais. A título de exemplo, a Ascol (Colômbia) bastante presente nas redes sociais fez uma transmissão ao vivo sobre culinária popular. Destaca-se que além de a transmissão (v. Figura 5), que fazia parte de um painel sobre Patrimônio Cultural contou com a presença de especialistas na área e também há a presença de uma convidada que não era do meio acadêmico.

Figura 5: Post da *Ascol*



Fonte: Autoria própria

Há assim nessas redes um movimento somente de valorização na esfera micro, ou apenas de divulgação científica, mas que, usando os meios tecnológicos que foram produzidos ao norte, assumem “um movimento de construção endógeno e processual de outro mundo possível” (ADAMS, 2008, p.397) As três ações – Dia das Mulheres na Ciência; Projeto Efemérides, Live sobre culinária tradicional – destacadas aqui corroboram nesse sentido, por apresentarem ações que valorizam um passado, o trabalho do *investigador en Historia* e a História nacional. Retomando o mapa apresentado acima, um movimento ao Sul do Equador.

REFLEXÕES FINAIS

Mais do que destacar as redes de historiadores que se formaram nos últimos anos procurou-se mostrar aqui ações nas redes sociais que visam apresentar meandros de movimentos ao sul do Equador que usando dos novíssimos meios de relacionar e divulgar modificam a percepção quanto a História e os investigadores em História em uma escala nacional. Os destaques apresentados aqui avançam na percepção de que os historiadores latino-americanos – em especial aqueles ao sul do Equador – tem construído novas formas de escrita da História nesses ambientes que incluam novas formas de pensar através de questões que sejam específicas da região.

Pode-se por um instante pensar que essas ações sejam pequenas e de pouco alcance, no entanto percebe-se que elas impactam na construção da ideia sobre a História e os investigadores em História, especialmente no que tange à profissionalização do historiador. Em entrevista em julho de 2021 uma das fundadoras do *Comité Paraguayo de Ciencias Historicas*, professora Ana Barreto Valinotti, destaca que é certo que nos últimos anos os jovens do país têm se interessado em entender

uma outra história que seja diversa daquela “tradicionalmente” construída, “la percepción de la complejidad del pasado. [...] Y las redes sociales han contribuido enormemente para ello”⁷.

Dessa forma, o trabalho dessas redes de historiadores nos espaços digitais ocupados pelas novas gerações é um avanço na forma de comunicação, divulgação científica e também na forma de expressar e escrever a História rumo a uma formação histórica plural, que respeite o trabalho científico e os profissionais.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. Sular. In. STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ARAÚJO, Ronaldo Ferreira; TRAVIESO-RODRIGUEZ, Crispulo; SANTOS, Sarah Rúbia de Oliveira. Comunicação e participação política no *Facebook*: análise dos comentários em páginas de parlamentares brasileiros. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v. 27, n. 2, maio/ago. 2017. p. 279-290.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. tradução Ricardo Giassetti. – São Paulo : Aleph, 2009.

HARTOG, F. Tempo e história: como escrever a história da França hoje?. *História social*, Campinas, n.3, 1996, p.127-154.

HERMETO, M. Por mais sede de História. In.: ALMEIDA, J. R. de; MENESES, S. (orgs). *História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 7-10.

LE GOFF, J.; MAIELLO, F. *Reflexões sobre a história*. Lisboa: Edições 70, 2009.

⁷ Entrevista publicada pelo Jornal El Nacional em 11 de julho de 2021. Disponível em: https://www.elnacional.com.py/nacionales/2021/07/11/la-poca-oferta-universitaria-no-ayuda-a-la-capacitacion-de-historiadores-en-paraguay/?fbclid=IwAR2O-KSofWTLFbgHw45ZRpWs2zvtvKiEgrsdfbEf-RlbW_hfJWpID0f5SABM Acesso em 12/07/2022.

MALERBA, Jurandir. *A História da América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Desafios para uma história do tempo presente no Brasil*. Palestra apresentada no I ciclo de debates Questões para a história do tempo presente em tempos pandemônicos. Junho/julho 2020. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/lhttp/textos-do-ciclo-de-debates-questoes-para-a-historia-do-tempo-presente-em-tempos-pandemonicos/> Acesso em 12/07/2022 às 5:39.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Lembrança do presente: ensaios sobre a condição histórica na era da internet*. Belo Horizonte: Autêntica. 2022.

PIZA, Mariana Vassallo. *O fenômeno Instagram: considerações sob perspectiva tecnológica*. 2012. 48f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Curso de Ciências Sociais – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

ROIZ, Diego da Silva. *Para ser historiador no Brasil: a história de um país e o ofício de historiador entre Alfredo Ellis Jr., Sérgio Buarque de Holanda (1929-1959)*. São Paulo: Alameda, 2020.

SANTHIAGO, R. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In. MAUD, A. M; ALMEIDA, J. R. de; SANTHIAGO, R. (orgs). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz. 2016. p. 23-37.

SANTHIAGO, R. Servir bem para servir sempre? Técnica, mercado e ensino de história pública. *Revista História Hoje*, vol. 8, nº 15, 2019. p.135 – 157.

SILVEIRA, Pedro Telles da. O historiador com CNPJ: depressão, mercado de trabalho e história pública. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 30, e0204, maio/ago. 2020.
<http://dx.doi.org/10.5965/2175180312302020e0204>.

WANDERLEY, S. Narrativas contemporâneas de história e didática da história escolar. In. MAUD, A. M; ALMEIDA, J. R. de; SANTHIAGO, R. (orgs). *História Pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz. 2016. p. 207-220.

WASSERMAN, Claudia. A primeira fase da historiografia latino-americana e a construção da identidade das novas nações. *História da Historiografia*, Ouro Preto/MG, n. 7, nov./dez. 2011. p. 94-115.

